

Sarney não dispensa bulas e comprimidos

BRASÍLIA — O presidente José Sarney jamais se admitiu hipocondríaco. Quem o conhece bem sabe, no entanto, de sua exagerada preocupação com a saúde — de ferro, diga-se de passagem. Desde seus tempos de presidente da Arena, Sarney intercala a leitura dos versos de seu poeta predileto — o maranhense Bandeira Tribuzzi — com a das bulas de todos os remédios, que lhe caísse nas mãos. O senador se divertia trocando, pelos corredores do Congresso, informações sobre medicamentos com outros parlamentares não menos hipocondríacos.

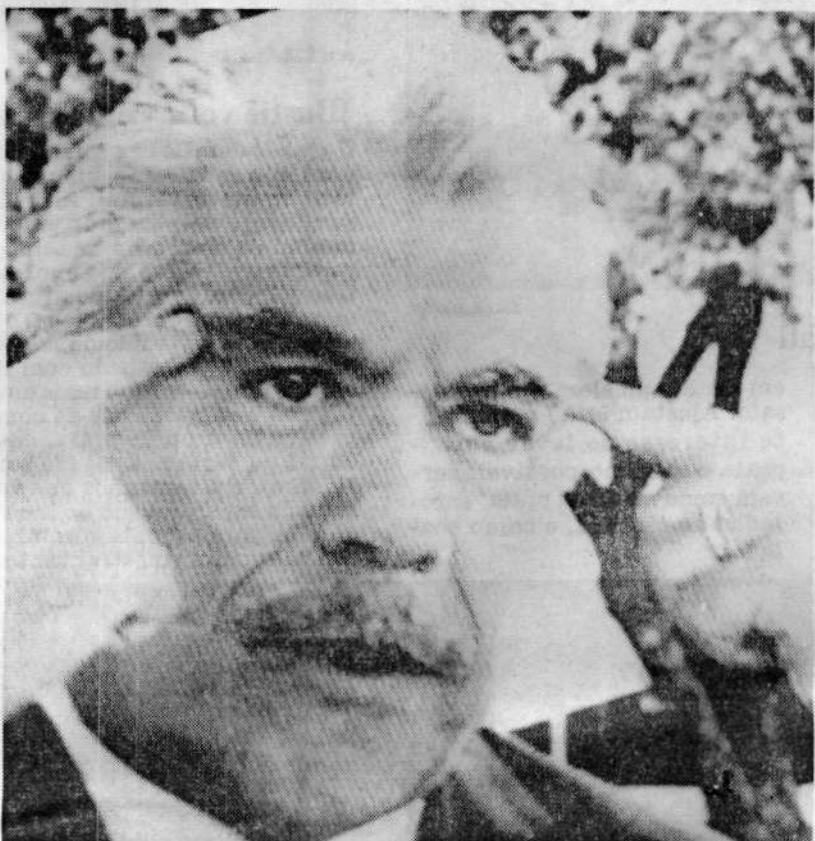
Hoje, não resta ao presidente muitos interlocutores dispostos a conversar sobre isso. No endereço planaltino, só quem se interessa pelo tema é o chefe do Serviço Médico do Palácio, o coronel Messias de Araújo Filho. Que, por sinal, viu-se forçado, certa vez, a receitar um comprimido de AAS Infantil (ácido acetil-salicílico) para aliviar a tensão do presidente. Sarney continuou hipertenso e o comprimido piorou sua gastrite.

O café da manhã do presidente evoca o de um astrona-

ta. Dona Marly jamais se esquece de colocar a seu lado, num pires, desde comprimidos analgésicos até complexos vitamínicos — de preferência, os últimos lançamentos norte-americanos. Como seus cafés da manhã, mesmo antes da presidência, já eram convertidos em reuniões de trabalho, café com leite é o que menos se consome.

Seu interesse por remédios e por doenças é até visto com bons olhos pelos políticos. Tranqüiliza saber que, com ele, não acontecerá algo parecido com os episódios de Petrônio Portella — que escondeu seu infarto até o fim — ou de Tancredo Neves. Afinal, José Sarney não hesita um minuto para obedecer o médico, quando a ordem é ir para um hospital.

Mesmo nos descansos de fim de ano, em São Luís do Maranhão, Sarney não dispensa seus médicos. Deixa-os hospedados num hotel de cinco estrelas bem perto de sua casa, na praia do Calhau. Preocupa-se com a saúde, mas não perde o bom humor. Quando *O Globo* deu a notícia (infundada) de seu infarto, disse ao líder do PFL na Câmara, José Lourenço: "Quase me mataram hoje".



Mônica Zarattini/AE

José Sarney lê bulas, entre os versos do Tribuzzi